

*meus dedos sentem  
falta do seu cheiro*



*meus dedos sentem  
falta do seu cheiro*

Michel de Oliveira



*Aos que amaram em silêncio.*



Que foi que disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram rapidamente, pois não havia tempo. Sabe-se também que sem falar eles se pediam. Pediam-se com urgência, com encabulamento, surpreendidos.

*Tentação*, Clarice Lispector



**EU**





CAMINHA DESATENTA EM ZIGUEZAGUE. No sofá, minha mãe dorme. A televisão está ligada com volume baixo. A formiga continua sem saber aonde ir. Os descaminhos dela me irritam.

Coloco dedos na frente da formiga. Muda de rumo.

O corpo que me expeliu se mexe no sofá. Meu coração pulsa rápido. Seguro a respiração por alguns segundos. Não acorda.

Inseto idiota. Insiste em andar na superfície lisa como se estivesse num labirinto. A irritação chega ao ápice, esmago a formiga com o indicador. A insignificante vida acaba entre o calor pulsante do dedo e o frio impessoal do vidro. Para a formiga, fui Deus: decidi quando e onde seria seu fim. Ao esmagá-la sem piedade, queria fazer desaparecer a mim, tão desnorteadado quanto o minúsculo ponto a vagar sobre a transparência.

Minha mãe se mexe outra vez e derruba o controle da televisão. Acorda com o barulho.

– Sou gay.

O torpor do despertar, aliado ao peso da declaração inesperada, a mantém inerte. Aperta os olhos. Tenta se convencer que está mesmo acordada.

– Disse alguma coisa?

– Sou gay.

[silêncio]

Preferia que tivesse gritado. Não há como reagir ao silêncio.

Meu irmão estava no quarto, suspeito que ouviu a declaração. Nunca comentou. Dos meus desencaixes, esse talvez fosse o menos incômodo para ele. Quem sabe, em seu pensamento, até justificasse a limitada interação que mantínhamos.

Minha mãe levantou do sofá, calada. Foi à cozinha. A porta da geladeira abriu e a água encheu o copo. Bebeu fazendo mais barulho que o necessário.

Continuei sentado. Cotovelos apoiados na mesa de vidro, observando o cadáver da formiga. Apático. Tentava me proteger depois do desabafo repentino.

Que insanidade contar assim, de surpresa. Foi como tive coragem: sem cerimônia, quando minha mãe estivesse despreparada.

O fundo do copo tocou o mármore da pia com eco agudo.

Os pés nus arrastados em passos pesados. Parou ao lado da porta. Encarou-me com olhos desfocados e pronunciou em tom sério:

– Precisa de ajuda.

Calçou os chinelos encostados no sofá. Pegou o controle do chão. Arremessou no colo espumado da poltrona. Desapareceu no quintal, talvez para arejar a cabeça abafada por infinitas interrogações.

...

O “assunto” permaneceu intocado por dois dias, até receber a ordem no café da manhã:

– Vá à igreja se aconselhar.

Às 15 horas, estava na secretaria paroquial.

O sorriso de boneco de ventríloquo e a entonação benevolente do padre sempre me irritavam. Por ser alvo direto do julgamento, a impaciência foi ainda maior.

– Conte o que está acontecendo.

[silêncio]

– Sua mãe comentou que está confuso.

[silêncio]

Conversaria com o padre, ou com quem fosse, desde que tomasse a iniciativa. Nunca suporrei intermediários falando por mim.

O padre estava desconfortável com minha apatia. Fingiu ajeitar a calça, passando a mão na perna.

– Nessa idade, é comum ter dúvidas e confusões – tentou emendar.

– O senhor resolveu suas dúvidas e confusões?

– Não estamos aqui pra falar de mim – engoliu seco.

– Uma pessoa sem resolver as próprias questões não deveria orientar ninguém.

O padre se impacientou, sem alterar o tom de voz:

– Só posso ajudar quem tem coração quebrantado pra ouvir.

Me olhou com uma paixão desdenhosa. Fiz menção de levantar.

– A casa de Deus está sempre aberta. Rezarei pra que ilumine seu caminho.

– Nosso caminho – complementei ao ficar de pé.

Saí apertando os olhos. A claridade da rua contrastava com a penumbra da sala paroquial.

Minha mãe nada perguntou. Sabia que responderia evasivo, se respondesse. Preferiu esperar o diagnóstico do padre.

Em casa, nunca fomos de conversar, sobretudo assuntos sérios. Mesmo quando estávamos com cara de constipação, ninguém perguntava o que ocorria. Não que cultivássemos indiferenças, pelo contrário. Talvez a falta de encenação familiar fosse nosso atestado de amor. Apenas não sabíamos o que dizer.

Eu e meu irmão herdamos a incapacidade de falar sobre sentimentos. Evitávamos até pensar que havia necessidades além das orgânicas. Crescemos fugitivos nos próprios corpos. Por esse motivo, nos entendíamos bem sem nada dizer.

Noite de missa. O jantar ficou pronto cedo. Mais do que pedir perdão pelos próprios pecados, minha mãe precisava saber se eu tinha salvação.

Sentamos todos à mesa: eu, meu irmão, minha mãe e a ausência do pai na cadeira vazia. Jantávamos juntos, foi assim desde sempre.

– Já sabe pra que vai prestar vestibular? – indagou com interesse materno.

– Odontologia – meu irmão respondeu, orgulhoso.

Sorriu. Presságio de boa sorte pela escolha. Ela sorria pouco. Não que fosse triste, mas carregava semblante solene, contrastante com os retratos da juventude, quando a ilusão dos ímpetos a fazia expor os dentes. Em alguma esquina, perdeu-se de si, talvez por isso se preocupasse tanto com os filhos.

Nas fotografias, os pais parecem mais felizes antes de se reproduzirem. Depois depositam esperanças e sonhos nos sucessores. Esquecem de viver e encenam o teatro familiar: passam a viver para os filhos. Os filhos crescem querendo alcançar os anseios dos pais. Acabam todos insatisfeitos.

Para aplacar as angústias, minha mãe se entregou à religião. Não sei se salvação ou calvário.

– Deus abençoe sua escolha – disse a meu irmão com carinho. – E você, o que quer fazer da vida? – direcionou o olhar para mim.

– Tenho dois anos pra decidir.

Mal desconfiava que por muito tempo não saberia. Queria apenas gastar as horas com livros e estudos de música. Faltava-me qualquer ímpeto de ser útil.

Como esperado, ela procurou o padre depois da missa.

Desconheço o que ouviu, mas apresentava lábios cerrados ao chegar em casa. Ela nunca tolerou minha incredulidade. Quando decidi que deixaria de ir à missa, soube que eu teria vida atribulada. Ou melhor, seria a atribulação cética a martirizar a cabeça da mulher que necessitava crer para continuar viva. Mesmo que não soubesse ao certo em que acreditava.

...

Desde que contei sobre mim, o fantasma do pai voltou a rondar a casa. A angústia de minha mãe o ressuscitou. Num tarde, quando cheguei mais cedo da escola, vi que segurava o porta-retratos da estante, braços sobre a mesa da cozinha.

Caminhei para o quarto sem fazer barulho.

O espectro do finado pai me invadiu e remexeu lembranças. Eram poucas as recordações que guardava. Ele estava sempre trabalhando. Quando ficava em casa, pouco interagia. Passava as horas assistindo TV. Ou melhor, impacientando-se com a programação. Mudava o canal de cinco em cinco minutos. O precário diálogo que mantínhamos girava em torno do rendimento escolar. Não que se preocupasse com o aprendizado, era prestação de contas pelo investimento.

Como bom pai, nunca se importou com questões da vida doméstica, o que incluía os filhos e os sentimentos da mulher. Tinha por obrigação colocar comida na mesa e pagar contas. Minha mãe que cuidasse dos afetos, responsabilidade demasiada para quem sequer conseguia arrastar as âncoras da própria existência.

A ausência daquele homem que ocupava o papel destinado ao pai se espalhou. Ele estava em casa desde antes de eu nascer e, um dia, sem nenhum aviso, deixou de ocupar a poltrona da sala.

Para meu irmão, a morte do pai foi nocaute. Golpe duro para o menino que olhava aquele homem como modelo, mesmo que o heroísmo fosse sustentado pela ilusão infantil a substituir o déficit paterno pela exaltação do que idealizava dele. Tornou-se o melhor aluno e especialista em futebol, só para ter assunto com o pai. Eu, desinteressado no esporte, carecia do que falar.

Cada um, a seu modo, foi atingido pela extinção do pai. Mas sei que minha mãe foi a maior afetada. Além de arcar com a

criação dos filhos, sem a ausência presente do marido, precisou reordenar a vida para manter a casa. Criança, não pude perceber as dificuldades dos primeiros dias com a cadeira vazia no jantar.

Tornou-se outra mulher depois de viúva. A discrição se transformou em resignação. A timidez enraizou como insegurança. Ela, bastante reservada, acabou isolada, quase inacessível.

Por mais estranha que fosse a relação dos meus pais, pareciam felizes do jeito deles. Falavam pouco quando eu ou meu irmão estávamos por perto. Mas das vezes em que investiguei o que faziam na intimidade, descobri que eram próximos longe da vista dos filhos. Com a porta do quarto fechada, a noite era marcada por conversas, algumas risadas e gemidos.

Quando o pai morreu, encarnou o papel de viúva. Motivo pelo qual blindou o coração contra a possibilidade de outro homem. Isso passou a atormentá-la depois da revelação. Culpava-se pela falta da figura masculina quando atravessei o limiar entre a infância e a adolescência. Achava que eu não seria aberrante se tivesse homem em casa para servir de modelo. Pobre minha mãe, igual a todas as mulheres, atormentada por culpas que nunca teve. Além do peso do marido morto, lidar com o pensamento de que o filho não teria estragado se outro homem ocupasse o lado vazio da cama era torturante demais.

...

Mandou que me arrumasse. Nem esbocei curiosidade, era comum ser convocado para acompanhá-la em expedições. Portava-me como excelente pajem. Ficava atrás dela, suporte com pernas para carregar sacolas. Sempre fui o filho mais próximo, ainda que distante. No julgamento público, por ser caçula mimado. O diferente, por não gostar de futebol como o irmão. O estranho, por ocupar o tempo estudando partituras. Menino sensível, diziam. E isso era condenação, não elogio.

Andar com minha mãe me comovia. Admirava certa beleza renascentista em sua condição de mulher viúva a ser cumprimentada na rua com olhares de compaixão. Gostava de observar seus gestos e movimentos. Era linda em seu desençaixe, braços a ponto de descolar dos ombros quando voltávamos carregados de sacolas da feira. Ou quando parava em frente às prateleiras do supermercado, contemplativa, como se os produtos fossem artefatos de veneração.

Naquela manhã, saí com ela mais uma vez sem questionar. Segui feito sombra silenciosa. Desajustada sombra tropeçando nos próprios pés. Fazia calor, o sangue agitado. Andávamos rápido na tentativa de escapar do sol. O corpo em ebulição fervia gotas. Brotavam pelos poros em minúsculas nascentes salobras.

Depois de muito caminhar, chegamos a um prédio comercial. Ao atravessar a porta de vidro, passamos por salão de cabeleireiro, corretor de imóveis, escritório de advocacia, agência de design gráfico e salas sem identificação.

A ascensorista perguntou qual andar. Sorriu, mostrando o canino desalinhado na arcada superior. Subimos ao quarto andar. Só então entendi o destino da jornada.

Disse meu nome à recepcionista. Esperamos no sofá. O ar-refrigerado fez evaporar o suor do rosto. Secou deixando leve máscara de sal e poeira. Encarei minha mãe com expressão inquisidora. Revidou com segurança, como se estivesse tomada por alguma certeza. Foi boa a estratégia de me arrastar ao consultório sem avisar. Não iria de outro jeito.

Ela me olhou outra vez. Ofereceu meio sorriso crédulo. Passou a mão na minha testa e desfez a maquiagem de poeira e sal.

Estava impaciente quando a porta de correr branca se abriu. Uma moça alta, saiu com olhos úmidos. A psicóloga, rosto neutro de manequim na vitrine, chamou meu nome.



Minha mãe levantou e me arrastou pela mão. Relatou que eu estava com um problema e que precisava de ajuda e que o padre tentou conversar comigo e que fechei os ouvidos e que ela tinha fé que saberia me ajudar. Nunca falou tantas palavras de um só fôlego.

A psicóloga percebeu a euforia. Pediu que ficasse tranquila.

– Farei o possível.

Sorri e me convidou para entrar. Minha mãe acompanhava quando foi interpelada:

– A senhora aguarda aqui fora.

– Preciso contar o que está acontecendo com meu filho – disse suplicante.

– Ele falará sobre o que sentir necessidade.

Recuou, frustrada. Por desconhecer os procedimentos psicanalíticos, imaginou a consulta como evento no qual teria a oportunidade de ouvir tudo sobre as coisas que nunca conversamos. A sala da psicóloga estava mais fria do que a recepção. Fiquei encolhido, nem tanto pelo frio, mas pelo constrangimento de ser avaliado por alguém que sequer sabia meu nome sem consultar o cadastro de pacientes.

Chegar ali, desavisado, atestava a falta de controle de estar em mim e no mundo. Artimanha da minha mãe, que me atraiu para a emboscada.

– Prefere deitar no divã ou sentar? – apontou para a poltrona, que aparentava ser confortável.

Jamais deitaria na frente da desconhecida. E a suspeita sobre a poltrona se confirmou: muito confortável. A bunda foi a única parte bem acomodada.

A psicóloga fez perguntas que não recorro. Estava mais preocupado em julgá-la do que em ouvir ou responder. Pagar para ter quem me escutasse, que patético. Era dar o lanche a criança gulosa para conseguir companhia no recreio.

O que a psicóloga pensava de si para se colocar na posição de ajudar alguém? Claro que fazia catarse dos próprios problemas ouvindo as desgraças alheias. Fui sucinto nas respostas, o que a obrigava a improvisar mais perguntas. Muitas perguntas. Perguntas além da conta.

Anotava qualquer coisa em um caderno. Não bastasse me expor, precisava registrar, como ata de reunião de condomínio.

Queria ir embora dali.

A mulher com cara de professora de catecismo começou a me irritar. O pensamento gritava na cabeça. Ela desobedecia à ordem cristã de não julgar, portanto estava liberado para julgá-la sem culpa. Julguei ser péssima profissional, incapaz de ultrapassar meu labirinto de autodefesa. Julguei ser péssima esposa, transando sem vontade para satisfazer os caprichos egoístas do marido. Julguei também atuar como péssima mãe, fazendo vontades dos filhos para compensar a ausência cotidiana. Julguei ainda ser péssima mulher. Quem já viu andar com corte de cabelo tão anacrônico? Que tipo usa sapatos de bico quadrado com saltos parecendo pés de sofá? Proibi-me de contar minhas angústias para alguém com unhas decoradas.

Parte do julgamento foi abaixo quando vi a mão sem aliança.

A consulta era inquérito chato que ocupava meu tempo de estar desocupado. Só não fiquei mais aborrecido por ver naquele transtorno a tentativa da minha mãe lidar com os próprios dilemas.

A psicóloga insistia em estimular algum diálogo. Eu respondia aleatório, como se as falas fossem geradas em boca anestesiada no dentista. Sem êxito, acabou o interrogatório.

– Nos vemos semana que vem, no mesmo horário.

No sofá, ao lado da minha mãe, uma menina com tronco maior do que as pernas. Outra desajustada em busca de conserto. Saí do consultório e fui seguido pela voz ansiosa:

– Você chorou?

Achava que chorar era elixir de qualquer mal. Até Cristo chorou suas aflições, ela dizia.

Expirei com força, impaciente. Caminhamos sem nada dizer. A ordem se inverteu: minha mãe quem me seguia como sombra angustiada.

– Estou com fome – reclamei.

Paramos em uma lanchonete. Comi coxinha, mesmo sem gostar. Sempre digo isso, mas por qual motivo falo que odeio coxinha se quando como é melhor do que imaginava?

...

Depois do primeiro encontro frígido, voltei ao consultório mais três vezes, sozinho. O ritual repetitivo: pergunta chata, resposta evasiva. Fale sobre \_\_\_\_\_ [preencher com qualquer coisa], narrativa desencontrada. Sobre ser gay, nunca falei. Minha mãe gastou dinheiro à toa.

A única vez que aconteceu algo fora do roteiro foi quando a psicóloga disse para pensar em algum episódio da infância. Após um tanto de silêncio, comecei a rir descompassado. Ela pediu que relatasse a lembrança. Enquanto ainda ria, contei do dia em que comíamos macarronada no almoço de domingo e o pai espirrou ao engolir uma garfada mal mastigada. Acabou com macarrão pendurado no nariz. Foi a coisa mais engraçada que ele fez, ainda que involuntário. Ficou tão ridículo balançando a lombriga de macarrão que todos rimos. A gargalhada coletiva quebrou a seriedade do pai, que riu de si mesmo. Foi o melhor almoço que tivemos.

Quando percebi que contava essa história para a psicóloga, soube que começava a me invadir. E justo por causa do riso, que me descontrola.

Traía-me ao entregar fragmentos da intimidade à desconhecida. Ela encontrou o fio em meu labirinto. Precisava impedir que adentrasse mais. Quando cheguei em casa, contei resolutamente: não voltaria ao consultório.

Pedi que no lugar da terapia pagasse aulas de violoncelo.

...

Frustrada mais uma tentativa de ser tratado do mal que eu não tinha, minha mãe nunca mais tocou no “assunto”. Nunca mesmo. Enterrou como gato que esconde as próprias fezes. Continua lá, debaixo do amontoado de areia, o importante é fingir que não está vendo. Em sua dissimulação, nunca acordei esbofeteando seus ouvidos com a declaração ecoante: Gay? Gay! Gay...

RECLUSO NO QUARTO DA ADOLESCÊNCIA, REENCONTRO MEDOS. Muitas ausências. A falta se torna dilacerante e do vazio ecoam questionamentos.

Quando comecei a ser eu? Fui mais eu ontem ou sou mais eu hoje? O que de mim sou eu? Como posso ser eu sendo pedaço de tantos outros?

É incômodo ser já homem e seguir atormentado pelas inseguranças da adolescência. Encontro-me suscetível. Faço escavações na tentativa de encontrar algum sentido. Garimpo nas lembranças a mim, que desacostumei a ser sozinho.

Escovo os dentes. Tento manter o mínimo de sanidade para estar à mesa.

O espelho continua a jogar na cara a imagem que busco esquecer. Não julgo se feia ou bonita, apenas incômoda. É importuno me ver pela inquietação de ser isto que talvez eu seja. Suspeito que só pessoas com graves distúrbios se sintam confortáveis ante o próprio reflexo.

Sou obrigado a enfrentar a testa estranha, que tantas vezes tentei esconder embaixo de boinas, bandanas e bonés. Até experimentei vários cortes de cabelo ao longo dos anos, só para tentar disfarçá-la. Mas sempre encontra jeito de aparecer. A vergonha encarnada me constrange a andar com a cabeça baixa. Talvez venha daí a falta de coragem para encarar as coisas e sempre fugir. Tentam me convencer de que não há nada errado. É apenas testa, dizem. Não adianta, sinto como parte exposta a atrair olhares. Pode ser que tenha canalizado na fachada lisa o encargo de ter um rosto. Talvez as sobranceiras quase inexistentes me fragilizem. Ou quem sabe tome a testa por metonímia, parte que representa todo medo do que tem dentro, no vórtice da cabeça.

Encaro-me desconfiado. A projeção no espelho me acusa de impostor. Vejo orelhas proeminentes, nariz um pouco achatado,

boca fina como que desenhada a bico de pena. Sorrio com dentes de criança, o que me dá certo ar pacífico. Olhos pequenos, pálpebras sem dobras, acompanhados por sobrancelhas esfumadas, que parecem estar apagando. E a testa estranha, fora do contexto. Moldura barroca em fotografia contemporânea. Médio, magro, desencaixado. Vestido de pele bege, desbotado. Cabeça pesando sobre os ombros. Ainda mais pesada com a armação dos óculos, que parece sobrar na cara. Ando com camisetas de algodão de golas gastas e as mangas com duas dobras. Minha mãe terminou o almoço e me chamou. Há dias tenta preencher meu vazio com comida. O fastio permite comer algumas garfadas por obrigação. Ela me assiste em pesarosa contemplação.

Volto para o quarto, onde me esvazio escrevendo lembranças. Os desencaixes da existência espalhados pelo chão. Que fazer submetido a tanta falta?

...

Quem olha para mim tem certeza de que fui adolescente desencaixado, sem amigos, a desejar que uma bomba explodisse durante o recreio, para que cabeças rolassem soltas do pescoço feito bolas de boliche. O engano é total. Gostava de ir à escola observar a fauna em formação. E, mais que isso, gostavam de mim. Não que fosse popular. Também estava fora do estrato dos que levavam chutes no saco ou empurrões na porta do banheiro.

Ocupava espaço neutro: nem amado, tampouco odiado. Sabia interagir se necessário, ser engraçado até. Mas preferia estar quieto, observando através dos óculos de grau. Desenvolvi a capacidade de ficar concentrado em meio à algazarra, por isso aproveitava maior parte do tempo escolar desenhando ou lendo romances inadequados para a idade.

Ao contrário dos outros, não corria para levantar as saias das meninas no recreio. Ficava em qualquer canto, acompanhado do caderno de desenho. Nem o beijo inesperado, roubado pela loira da 6ª B, foi capaz de despertar a euforia dos hormônios.

Ficava entretido entre desenhos, livros e partituras, sequer pensava em bocas, peitos ou gemidos. Meu gozo era estar longe das perturbações.

Os anos da adolescência não passaram brancos, no entanto. Tive rebeldias, como trair a música clássica com nova paixão: Melora Creager e sua banda folk music de violoncelos; as primeiras leituras dos russos, com arroubo avassalador por Nabokov e sua Lolita; e o pequeno martírio que minha mãe passou a sofrer: eu saía da escola e perambulava pela cidade, sem hora para chegar em casa.

Naquela época, tive o único embate sério com ela.

Aborrecido por dar satisfação toda vez que chegava tarde da rua, reivindiquei a cópia da chave.

– Crie juízo, nem seu irmão tem a chave – tive que ouvir.

Pouco me importava que ele fosse bocó e não reclamasse autonomia. Queria uma cópia, estava decidido.

No jantar do dia seguinte, argumentei sobre a necessidade de ter a própria chave. Meu irmão assistiu calado, mastigando um pedaço de pão.

– Não!

Levantei sem terminar o café.

Fiquei três dias sem falar qualquer palavra em casa. Até a noite que cheguei da escola e em cima da mesa estavam dois chaveiros. Peguei a chave e guardei no bolso da mochila. Meu irmão ganhou o despojo da briga que não comprou.

Minha mãe temia meus arroubos de indiferença. Enquanto os outros meninos tentavam ganhar no grito, eu utilizava o silêncio como arma. Não era desprezo ou desdém. Silêncio,

puro, branco e enlouquecedor, feito toneladas de neve. Camadas e camadas de silêncio que se amontoavam até ecoar o estrondoso grito do vazio. Sem amor, ódio, ou qualquer demonstração de sentimento. Silêncio que se fazia doloroso por evocar a ausência de afeto.

Temendo que eu nunca mais esboçasse alguma reação, cedeu. Ela nunca admitiu, mas logo percebeu que foi decisão acertada. Não precisava acordá-la quando chegava tarde da rua. Aprendeu a se despreocupar. Treino que foi fundamental para quando meu irmão e eu fomos embora de casa.

Se as mães relembrassem o prazer que é dormir sem filhos, dariam um jeito de colocá-los para fora depois que aprendessem a limpar a bunda. O problema é que se acostumam com o tormento de acordar de madrugada para serem sugadas. Confundem egoísmo infantil com necessidade e abdicam da própria vida como ato de amor. Mães, eternas mártires sem condecoração.

...

Na escola, além de observador, era também observado.

– Que faz depois da aula? – perguntou tentando emparelhar.

[silêncio]

– Vive caminhando sem destino.

– Está me seguindo? – falei impaciente.

– Não sigo, observo.

Descobri, após a abordagem inesperada, que ele também perambulava sem rumo. Demorava a ir para casa tentando adiar os sermões sobre boa conduta e obediência. Estava duas séries à frente e, ao contrário de mim, não gastava as horas em vão. Saía pelas ruas registrando as ruínas, a deterioração, o tempo, o vazio, as poças d'água, as nuvens. Queria ser fotógrafo e ter uma banda de rock alternativo. O pai insistia que cursasse



Direito. Pensava em fugir e ir morar na Inglaterra. Ou Irlanda. Podia ser Nova Zelândia.

Talvez o vi anônimo em meio ao mostruário de rostos da escola, mas sua existência passou despercebida. Se não tivesse protagonizado a abordagem na saída, nunca teríamos nos falado.

Alto, loiro e magro, sobrando na camiseta do uniforme. Olhos claros, que naquele entardecer podiam ser verdes, ou azuis, ou castanho-claros. Só outro dia certifiquei: eram de um azul desmaiado, quase cinzas. Lábios finos e caninos pontudos lhe davam ar de lobo. Porém, o que chamou mesmo minha atenção foi o nariz: imperativo, desaforado, como se estivesse pronto para briga. A arquitetura nasal conferia certa expressão violenta, contrastante com a serenidade dos olhos claros.

...

No intervalo, aproximou-se. Desconheço que estranho magnetismo carregava, no entanto, não o repeli como costumava fazer. Relaxei os ombros, sinal de aceite ao contato inesperado.

– Você desenha? – apontou para minha mão.

Fiz que sim com a cabeça, apertando o caderno e desviando os olhos.

– Posso ver?

A pergunta foi tão constrangedora que poderia ter sido: “Qual o tamanho do seu pau?”. Entreguei o caderno, acanhado. Ele folheou, olhando cada desenho sem pressa. Esboços de retratos, arranjos gráficos e alguns traçados decorativos.

– Desenha bem. Quer ser artista?

Desajeitado, sequer agradei. Faltava técnica, rabiscava o que fervilhava na cabeça. Por isso foi tão íntimo ter alguém olhando para eles. Aliás, olhando para mim, desnudado ante o semiestranho.

– É só passatempo.